

Reflexões sobre as ambições marítimas da China na atualidade (parte 2 de 3)

O artigo anterior analisou a introdução da China como o mais provável novo ator marítimo de alcance internacional, decorrente de um acúmulo de riqueza que vem crescendo nos últimos anos¹. E, como tal, esse Estado faz questão de sinalizar suas intenções para o mundo, inicialmente por meio de ações concretas junto aos seus vizinhos para se projetar, gradualmente, além das águas “interiores” do Mar da China. Os chineses sempre se mostraram reativos. Entre a década de 60 e próximo da de 90 a China recuperou um conjunto de ilhas próximas ao seu litoral que se encontravam ocupadas pelos nacionalistas, liderados por Tchang Kaichek, e pelos vietnamitas, todas por meio da força. Conseqüentemente, os países da região, aliás, todos seus antigos vassallos, encontram-se hoje temerosos diante das ambições marítimas chinesa. Na primeira investida, a maior preocupação da China é com a Marinha do Japão². Muito mais do que se fazer presente em todo o espaço marítimo do Mar da China, o que de fato importa é o seu acesso ao Pacífico. Para isso, pretende impor sua vontade sem contestações navais até a Indonésia, passando por Taiwan e Filipinas, mas ainda permanecendo “dentro” do Mar da China meridional, a fim de obter inicialmente um controle pleno das águas próximas à face norte da Malásia. Contudo, para consolidar essa necessidade estratégica, a China também sabe que deverá estar pronta para se contrapor ao obstáculo materializado pela 7ª. Esquadra dos EUA, que vive patrulhando a região próxima de Taiwan e das Filipinas³. Resolvida essa questão, o Estado chinês poderá dar continuidade à conquista da segurança dos corredores de abastecimento de petróleo e gás ao sudoeste da Ásia com maior liberdade de ação. Seu objetivo estratégico se resume ao controle de três estreitos na região. O primeiro é o estreito de *Málaca*, entre a costa oeste malasiana e a Ilha de Sumatra, mais utilizado por navios petroleiros de até 100 mil toneladas, oriundos da África e do Oriente Médio, considerado o de maior importância por nele passar cerca de 80% das importações de petróleo. A segunda rota é a empregada por superpetroleiros com mais de 100 mil toneladas, composta na realidade por dois estreitos próximos, o de *Sunda* e o de *Gaspar*, ambos situados na Indonésia⁴. Paralelamente a China vem construindo bases permanentes no oceano Índico ao longo das principais linhas marítimas que levam ao estreito de Málaca (Maldivas, Mianmar, Bangladesh e Gwadar), a fim de garantir o suporte logístico necessário para suas empreitadas navais. Com o domínio dos mares próximos a esses estreitos, a China dará início a uma nova etapa de projeção de poder além das suas “águas marrons”, por meio de ações de presença permanente nos mares distantes pertencentes ao Pacífico e ao Índico (“águas azuis”). Desde os primeiros dias do ano 2000 que os EUA estão convencidos de ser o oceano Pacífico o mais importante espaço geográfico estratégico até meados deste século XXI, em face dessa intenção chinesa de projetar poder sobre área marítima de seu interesse direto. Mas antes dela a China terá como rivais consideráveis dois atores com crescente atuação no Pacífico oriental ao norte e no Índico oriental, respectivamente, o Japão e a Índia. Recentemente esse último Estado concluiu a reestruturação da sua Marinha, agora dividida em três Comandos de Áreas (Leste, Oeste e Sudoeste) e com duas Esquadras distintas, uma com sede em Mumbai e outra em Chennai⁵. A primeira possui a responsabilidade de atuar nas áreas marítimas a oeste da Índia, com atenção especial ao seu Estado vizinho a noroeste, o Paquistão, e nas linhas marítimas de seu interesse estratégico de e para o Mar Arábico e Golfo Pérsico. A segunda se preocupa com a área marítima do Golfo de Bengala, nas linhas marítimas de seu interesse estratégico de e para a Indonésia (leia-se a região dos estreitos – Málaca, Sunda e Gaspar), além de apoiar o Comando de Área sudoeste, particularmente

¹ ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. Pág. 218-225.

² Vide *Nippon Kaigun*.

³ Baseada no Japão.

⁴ O Estreito de Sunda (ou Sonda) separa as ilhas de Java e de Sumatra. O de Gaspar separa as ilhas de Bangka e de Belitung.

⁵ Mais detalhes: <http://indiannavy.nic.in/org.htm>

perante o Sri Lanka. Essa reestruturação não é limitada ao nível organizacional, tanto administrativo bem como operacional. Os meios navais também foram redimensionados de acordo com as novas tarefas sob responsabilidade das duas Esquadras indianas. Mesmo dispondo de somente um porta-aviões adquirido da Royal Navy⁶ e de sua força de submarinos não possui unidades de propulsão nuclear, esta é diversificada e bem adestrada. É esse aspecto militar-estratégico e estratégico-naval que se transforma em um importante obstáculo para a China atingir seus objetivos de alto-mar no oceano Índico, em especial no controle dos estreitos na Indonésia. Retornando para os espaços marítimos chineses marrons, cujas águas próximas ao seu litoral são adjacentes ao Mar do Japão, a China tem como obstáculo natural um Poder Naval japonês poderoso e bem mais moderno do que a Marinha chinesa. A Força Naval de Autodefesa do Japão⁷ mantém a parceria com a marinha dos EUA, tanto em concepção dos meios (arte-naval), bem como nos sistemas navais de comando e controle (C²) a bordo e nas bases navais.⁸ Vale destacar o recente lançamento de um novo e inovador navio-escolta “Hyuga” (DDH-181), primeira unidade de uma classe de navios com capacidade combinada de projeção de poder e de controle de área marítima, típica para compor uma força naval de perfil ofensivo (ataque). Contudo, por causa de uma constituição pacifista⁹, que impõe moldura limitada de atuação do Poder Militar japonês para somente na sua autodefesa, essa classe de navio é considerada para a Marinha japonesa como sendo um meio naval de “proteção” para uma unidade de maior valor estratégico. Pelo menos até hoje, pois é de conhecimento público que o Japão já participa de ações conjuntas externas ao Estado japonês com seus aliados tradicionais em região de tensão e de crise político-estratégica no Iraque e no Afeganistão. Um cordão de ilhas japonesas que se projetam ao sul do Japão até próximo da Taiwan promove um obstáculo natural para a China também se projetar para as águas azuis do Pacífico. É o arquipélago Ryukyu onde se situa a Ilha de Okinawa, a maior delas, localizada bem no setor central desse arquipélago. É fácil constatar que os desafios que a China pretende enfrentar são de grande extensão e profundidade, haja vista o perfil também guerreiro dos Estados opostos às suas intenções de expansão estratégica marítima inicialmente regional. No próximo e último artigo serão abordados os aspectos de modernização da frota chinesa para a consecução desse projeto político-estratégico de Estado, e não de um só governo da China.

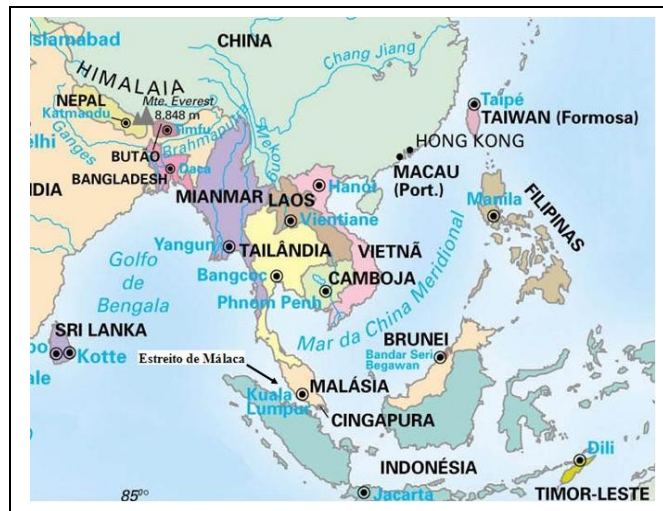
Roberto Carvalho de Medeiros, CMG (Ref). Professor universitário.

⁶ Indian Navy - Combat Fleet of the World (US Naval Institute).

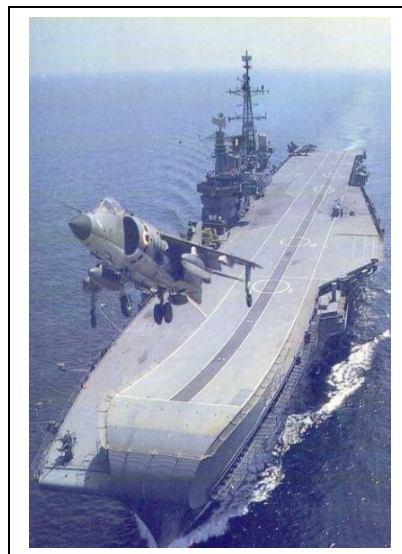
⁷ Acesse: <http://www.japan-guide.com/e/e2138.html>

⁸ JMSDF – Combat Fleet of the World – 2007/2008 (US Naval Institute).

⁹ “The Self Defense Force's purpose is to preserve peace, public order and Japan's independence and safety. About 6% of the national budget is spent on national defense (2005). Military service is voluntary.”



Fonte: GEOATLAS (2007).



Indian Navy – VIRAAT 7 with Sea-Harrier taking off
(fonte: sítio oficial da marinha da Índia)



JMSDF – DDH-181 *Hyuga*
(fonte: sítio oficial da marinha do Japão)